

## ARTIGO

# APRENDIZES DE CARANGUEJO: PRODUÇÃO DE VÍDEO COM CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Sandro da Silva Cordeiro<sup>1</sup>  
Cibele Lucena de Almeida<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo apresenta uma reflexão acerca da produção de vídeo com crianças da Educação Infantil. Levanta discussão teórica que apregeio a importância da relação infância e mídia, reconhecendo o espaço escolar como *lôcus* propício ao desenvolvimento da leitura crítica dos meios. Evidencia experiência ocorrida no Núcleo de Educação da Infância, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI/CAP/UFRN), no qual foi estudado o crustáceo caranguejo, contemplando como atividade de destaque a produção de vídeo documentário com crianças da turma 4 (5 a 6 anos). Foi utilizada a metodologia de produção de vídeo sugerida por Orofino (2005), contemplando as seguintes etapas: roteiro (definição da pauta, construção do roteiro propriamente dito, definição do gênero); pré-produção; produção e edição. Evidencia o envolvimento das crianças em todo o processo de produção, contribuindo para despertar um olhar mais crítico frente ao mundo das imagens em movimento. Reconhece a pertinência de atividades que permitam às crianças assumirem a função de produtoras de mídia, assim como consumidoras atentas e críticas.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Mídia-educação. Prática Pedagógica. Produção de Vídeo.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP/UFRN). E-mail: sandcord8022@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP/UFRN). E-mail: cibeledpedagoga@gmail.com.

## **Primeiras imagens do caranguejo**

O título do presente artigo refere-se ao nome dado pelas crianças da turma 4 do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP/UFRN) ao vídeo que produziram no primeiro semestre de 2011: “Aprendizes de caranguejo”. É produto de envolvimento coletivo, no qual todos os alunos contribuíram ativamente na construção do audiovisual.

A experiência de organizar e refletir sobre essa vivência permitiu-nos perceber a relevância da inserção das mídias no espaço escolar, sobretudo no espaço da Educação Infantil. As páginas a seguir revelam, portanto, um trabalho de produção de vídeo com crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos, mostrando estratégias didático-pedagógicas usando uma temática específica: o estudo do caranguejo.

Evidenciamos, primeiramente, alguns apontamentos do campo da mídia-educação, enfatizando o contato das crianças com as mídias e a necessidade de realizarmos atividades que privilegiem a leitura crítica dos meios. Em seguida, mostramos a experiência de produção de vídeo com um grupo de crianças da Educação Infantil, salientando a relevância dessa atividade para a produção e compreensão crítica das imagens em movimento.

## **Mídia-educação e infância: alguns apontamentos**

A inserção das mídias no espaço social é uma realidade notória. Sua presença maciça no cotidiano dos sujeitos demonstra uma situação de quase “onipresença”. Podemos nos deparar com as mídias nos lugares mais inusitados: enquanto esperamos o atendimento médico em um consultório; ao nos sentarmos em bares e restaurantes; visitando um amigo ou mesmo em nossos lares. As mídias têm seu lugar cativo assegurado, consolidado e respaldado socialmente.

Assim, informações são disponibilizadas sem lançarmos um olhar minucioso sobre os fatos, dada a velocidade com que essa transmissão ocorre. Num piscar de olhos um produto é vendido, cenas reais e

ficcionais são expostas, sem nos darmos conta do que esse momento representa. Tais informações acabam sendo internalizadas, sem a devida atenção e filtragem/depuração desses dados.

Nesse sentido, crianças, jovens e adultos entram em contato diário, seja direto ou indireto, com alguma mensagem transmitida por intermédio da linguagem não verbal. Muitas dessas mensagens são divulgadas de forma implícita, dificultando a percepção imediata das relações de poder, de ideologia, de cultura e dos discursos presentes nessas narrativas, num recorte fundamentado na avaliação crítica.

Tais mensagens se utilizam das imagens como principal elemento de proliferação das informações. Por esta razão, a visão, em especial, é valorizada nesse processo. Sua estimulação e apelo são constantes, sendo aguçados através de diversos elementos portadores de imagens, pois a visão permite nos inteirarmos do mundo, das cores, do movimento e da vida.

Essa necessidade de compreendermos os mecanismos de constituição das mídias, lançando um olhar mais cuidadoso sobre os fatos é o que denominamos de “leitura crítica da mídia”, permitindo a adoção de uma postura inquieta e questionadora perante os artefatos midiáticos. Nesse sentido, a leitura crítica não se restringe apenas a uma observação superficial. Requer do espectador um “debruçar-se” sobre as imagens, tratando de compreender a essência de suas criações e as intencionalidades não expressas claramente. Tais intencionalidades são fatores preponderantes na produção das narrativas midiáticas, sendo imprescindível captarmos as finalidades e os interesses contidos nas entrelinhas dos produtores midiáticos.

Conforme aponta Moran (1991), a leitura crítica é um ajuste aos sistemas de valores, entrelaçando a decodificação (percepção do mundo) e a valoração (qualificação da percepção). Procura-se, também, encontrar sentido, coerência e lógica nas manifestações culturais, buscando organizar e interpretar essas expressões humanas. Este autor considera que a principal finalidade da educação para uma leitura crítica da comunicação é a possibilidade de mudança de atitude, ajudando a

desenvolver mecanismos de percepção ativa e atenta da mídia (MORAN, 1991). Criam-se, pois, condições para a conscientização dos sujeitos a partir de situações nas quais eles sejam levados a analisar e detalhar aspectos de dado evento midiático.

No processo de leitura crítica da mídia, procuramos construir uma “síntese” dos fatos midiáticos, no sentido de buscar uma interpretação das diversas facetas apresentadas. A conscientização é obtida mediante o desvelamento da realidade, sendo condição essencial para a compreensão do conteúdo veiculado pela mídia. Kellner (2008) acredita que essa leitura auxilia na implantação de uma “democracia participativa”, pois o acesso às novas tecnologias remodelaram o mundo, reconstituindo o modo como as pessoas pensam e atuam na sociedade (KELLNER, 2008, p. 689).

Nesse sentido, a escola aparece como lócus privilegiado, promotor de situações nas quais a leitura crítica da mídia seja considerada. As instituições educativas podem se transformar em importantes pólos de recepção. Orozco Gomez (1996) considera o termo *recepção* abrangente, não limitado apenas a exposição à tela. Entende que é um processo estendido para além desse instante, permitindo a elaboração de novas conjecturas nos mais diversificados lugares. Ter acesso às mídias, estabelecer relações do conteúdo acessado com nossas vivências, rememorar trechos considerados significativos e trazer à tona, quando conveniente, tais conteúdos: eis o processo de recepção.

Um dos grandes desafios apresentados ao professor é a criação de contextos que favoreçam a mediação, porque ele constitui diferencial para a qualidade imaginativa da experiência dos alunos com a TV. Vygotsky (1998) atribui importância aos mediadores do conhecimento, sejam eles adultos ou companheiros mais experientes. Para ele, a mediação estabelece um processo de intervenção, no qual um elemento intermediário é inserido em uma relação. Essa relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. É através dela (a mediação), que se tornam possíveis as atividades psicológicas voluntárias, intencionais e controladas pelo próprio sujeito (VYGOTSKY, 1998).

Nesse contexto, a escola é convidada a posicionar-se, buscando auxiliar as crianças no processo de recepção das mídias, ajudando na compreensão e aproveitamento das mensagens, além de contribuir através da produção de novas informações. Quando a escola resolve abraçar a leitura e a produção de mídias como pressuposto educativo, faz-se necessário arquitetar situações nas quais os meios sejam o foco das discussões, tornando-se uma prática sistemática, considerando a possibilidade de encará-la com enfoque curricular de caráter transversal. Isso implica em considerar a possibilidade de trabalhar pedagogicamente o campo da mídia-educação nas diversas áreas do conhecimento (BELLONI, 2001). E, para tanto, cabe o envolvimento dos docentes, a fim de evitar a descontinuidade do processo.

No que tange à possibilidade de emprego das mídias em solo educativo, Buckingham (2005) propõe cinco estratégias de sala de aula a fim de introduzir os discentes dentro dos estudos de mídia: a) análise textual, b) análise contextual, c) estudos de caso, d) traduções, e) simulações e produções. As três primeiras são de natureza analítica, enquanto que as outras são de natureza prática.

No caso do trabalho que realizamos, a construção de vídeo documentário pode ser enquadrada na estratégia da *produção*. Esta se relaciona ao trabalho prático, no qual os estudantes são levados a construir uma peça midiática com a ajuda do professor. Criam-se situações-problema, para serem resolvidas pelos estudantes. Os discentes têm autonomia nas tomadas de decisão, participando das atividades na condição de produtores. É uma atividade complexa que envolve, em alguns casos, outras estratégias. Objetiva-se que os participantes possam perceber os meios como forma de comunicação, utilizando-a de forma crítica e responsável.

Nessa atividade, os discentes são levados a refletir sobre as diversas etapas da produção audiovisual, o que demanda acordos com o grupo para a definição do seu conteúdo e a construção das imagens em movimento.

No que tange à elaboração de um audiovisual, enquadrada na modalidade “produção”, Vargas, Rocha e Freire (2007) elencam alguns benefícios educacionais no desenvolvimento de trabalho dessa natureza, os quais mencionam: desenvolvimento do pensamento crítico; promoção de expressão e da comunicação; favorecimento de visão interdisciplinar; integração de diferentes capacidades e inteligências; valorização do trabalho em grupo.

Ao desenvolverem um produto (vídeo), as crianças estarão exercendo o papel de produtoras de mídia, assim como de consumidoras atentas e críticas. Encarados como formas de arte e conseqüentemente de linguagem, os audiovisuais podem servir como importante meio de promover a expressividade do alunado, seja através da oralidade, da performance corporal e/ou demais formas de manifestação utilizadas para comunicar. Em outras palavras, implica considerar a natureza multifacetada da produção de vídeo.

Como ficou evidenciado, produzir um vídeo aciona uma série de habilidades, quando empregadas estratégias didático-pedagógicas adequadas. Em nosso caso, optamos pela produção de vídeo documentário com crianças, buscando sintetizar os conhecimentos construídos ao longo de um bimestre letivo, a partir de alguns direcionamentos.

#### **O caranguejo na mídia: produção de vídeo com crianças da Turma 4**

O contato com as mídias foi ponto privilegiado na turma 4, em 2011, por compreendermos a relevância do encontro entre infância e tecnologia. Este grupo é composto por 20 crianças na faixa etária entre 5 anos e 6 anos, das quais 11 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

Podemos estabelecer paralelos entre o acesso às mídias eletrônicas e o desenvolvimento de habilidades nas crianças, as quais podemos mencionar: a agilidade, o raciocínio lógico, o domínio dos códigos escrito e imagético, necessários para obter informações. Grande parte da

turma tem acesso à tecnologia, seja a televisão, o DVD e o computador. Frequentam cinemas, teatros e outros espaços de acesso aos bens culturais. Esses dados são percebidos, principalmente, na roda inicial, quando trazem à tona as vivências do final de semana, permeadas pelo acesso às tecnologias e pela familiaridade do grupo com os recursos midiáticos.

Valente (2009) afirma que as tecnologias digitais, como a *internet*, as câmeras, o vídeo e os jogos eletrônicos fazem parte do cotidiano das crianças da Educação Infantil, que demonstram facilidade em lidar com essas tecnologias, mesmo sem serem formalmente ensinadas, já que nasceram imersos nesse universo e são nativas desse mundo. No momento em que as crianças escolheram o tema de pesquisa<sup>3</sup> “caranguejo”, elegendo as questões norteadoras do estudo, começamos a listar possíveis atividades a serem desenvolvidas. Nessa lista, incluímos a produção de um vídeo, sem definirmos previamente o formato/gênero dessa produção audiovisual.

Quando o estudo encontrava-se em vias de conclusão, lançamos a proposta de produção de vídeo às crianças. Pensamos que esse seria o período “ideal” para tal atividade, pois os alunos apresentavam certo domínio da pesquisa realizada, tendo maior propriedade e segurança para construirmos coletivamente o audiovisual. Nesse momento, já havíamos elaborado um texto coletivo<sup>4</sup>, sintetizando os principais acontecimentos que circundaram o tema em foco.

Inicialmente, os professores começaram a organizar a sequência das imagens em movimento e demais elementos (imagens estáticas e sons) para a composição do vídeo. Entretanto, essa organização prévia engessaria qualquer possibilidade de participação das crianças na

<sup>3</sup> O Tema de pesquisa é a metodologia adotada pelo NEI, que articula três dimensões básicas: o conhecimento das áreas de conteúdo, o contexto sociocultural das crianças e os aspectos relativos à aprendizagem. Esses aspectos visam considerar as experiências de vida e os valores socioculturais das crianças. Tal metodologia ancora-se nas ideias de Freire (1983) e Kramer (1989), servindo como alicerce para a organização do que conhecemos como “tema de pesquisa” (RÉGO, 1998).

<sup>4</sup> O texto coletivo é uma produção na qual todas as crianças participam oralmente de sua construção, tendo o adulto como escriba das ideias surgidas. À medida que os alunos apontam encaminhamentos para o texto, cabe ao professor sistematizar as ideias apresentadas, dando formalidade aos escritos. A intenção dessa atividade é de elaboração de síntese do estudo, expressando os principais momentos vivenciados, seguindo sequência cronológica dos fatos, mostrando os conhecimentos significativos para o grupo construídos ao longo do tema de pesquisa.

construção desse texto imagético. Diante dessa constatação, resolvemos redimensionar as estratégias, deixando que as próprias crianças direcionassem o trabalho. Definimos, apenas, que seria necessário informar ao grupo sobre alguns aspectos de constituição das imagens em movimento.

Para começar, dissemos que os professores tiveram a ideia de fazer um vídeo sobre o caranguejo junto com os alunos. A proposta foi recebida com entusiasmo pelas crianças, de modo que começamos a investir nesse trabalho. Mas, como fazê-lo? Essa indagação geral serviu para que começássemos a refletir com o grupo sobre possíveis direcionamentos para a produção do vídeo. Mas antes de apresentarmos tais apontamentos, com a finalidade de auxiliar nessa reflexão, partimos para as seguintes questões: o que é vídeo? O que tem num vídeo (características)? Para que serve fazer um vídeo? E se organizássemos um vídeo sobre o caranguejo, como seria?

Buckingham (2005) considera que o ponto de partida para o professor é considerar o que os alunos possuem em termos de conhecimento sobre mídias, como forma de minimizar a distância crescente entre a escola e o cotidiano. Ainda acrescenta que este conhecimento sobre as mídias é certamente maior que o que tem sobre outras áreas do currículo.

Partindo de questões problematizadoras, de ordem conceitual e operacional, começamos a delinear a nossa proposta. Tais indagações serviram para incitar o grupo acerca do entendimento da constituição do vídeo, fazendo-o refletir que essa atividade possui intencionalidades definidas e exige o envolvimento de todos para a sua construção. A seguir, as respostas lançadas pelas crianças e as sugestões fornecidas por elas:

**O QUE É VÍDEO?**

- É CD;
- É DVD;
- É quando se grava alguma coisa;
- É quando as pessoas ficam na TV;
- É quando a gente sai na TV.

**O QUE TEM NUM VÍDEO?**

- Fotos;
- Músicas/som;
- Pessoas falando;
- Pessoas dançando com roupas coloridas e divertidas.

**PARA QUE SERVE FAZER UM VÍDEO SOBRE O CARANGUEJO?**

- Para mostrar as outras crianças que vão estudar sobre o caranguejo o que elas podem aprender;
- Para mostrar também aos adultos (pais, parentes e professores).

Nesse diálogo com as crianças, fomos construindo coletivamente entendimentos referentes ao universo audiovisual. Sobre a primeira questão levantada, os alunos relacionaram o vídeo a seus possíveis suportes de gravação (CD, DVD), bem como aos procedimentos para armazenamento e composição das imagens (gravar alguma coisa, pessoas ficam na TV, a gente sai na TV). Na segunda indagação, foram apontados todos os elementos técnicos que caracterizam um audiovisual: texto, imagem e som, conforme visualizamos no quadro acima. Na pergunta seguinte, a qual se remetia à função social do vídeo, as crianças reconheceram o objetivo de socializar conhecimentos como ponto forte para justificar a produção. Podemos inferir, também, que compreendem a importância dos audiovisuais como documento sócio-histórico (NAPOLITANO, 2003), servindo como material para fundamentação de outros estudantes – “Para mostrar às outras crianças que vão estudar sobre o caranguejo o que elas podem aprender”.

**Figura 1:** Roda de planejamento do vídeo

Fonte: Arquivo NEI/CAP - UFRN

Tecnicamente falando, vídeo é uma palavra de origem latina que designa “eu vejo”. Constitui-se em tecnologia para armazenamento de sinais eletrônicos (analogicos ou digitais), visando armazenar, transmitir ou apresentar imagens em movimento. Popularmente, vídeo é considerado o simples ato de captar imagens, sem necessariamente tratar esse material (edição).

Ao adquirir abrangência, passou a denominar-se “vídeo” uma gravação de imagens efêmeras, animações com sequência de fotos e as formas de gravação de imagens. As respostas das crianças se situam nesse entendimento mais alargado de vídeo, quando disseram que “é quando se grava alguma coisa”, ou quando situam o CD e o DVD, que são produtos criados para guardar informações.

O vídeo é considerado forma de expressão artística, componente do campo das artes visuais, apresentando linguagem e formas de representação próprias. Utiliza-se de códigos verbal/textual (uso da palavra), icônico/imagético, sonoro/som (músicas, ruídos, onomatopeias) simultaneamente, formando uma combinação harmoniosa de diferentes

elementos. Trata-se, portanto, de linguagem multifacetada e híbrida, que permite a expressão de mensagens, sentimentos e ideias por intermédio de diversos recursos.

A linguagem audiovisual apela em alguns casos para o emocional, desprendendo-se da razão e do consciente. Segundo Hegel (1972), a visão e a audição são os sentidos mais adequados para a demonstração de manifestações puras e abstratas, permitindo que a união entre som e imagem suscite a criação de mensagens das mais variadas formas, sob diversas perspectivas.

Como a proposta lançada pelos alunos foi de “apresentar aos adultos (pais) e às outras crianças do NEI o que foi aprendido sobre o caranguejo”, decidimos que o tipo mais adequado seria o documentário, pois atenderia às expectativas do grupo. Conforme aponta Girão (2005), o documentário é considerado “vídeo educativo”, pois apresenta intenções formativas. Esta peça audiovisual pode relatar, discutir, contrapor, instigar, informar, interagir. O documentário é tido como gênero narrativo não ficcional, idealizado para transmitir conhecimentos sobre um determinado assunto, sejam eles científicos, técnicos ou culturais (FRANCO, 1997).

Sendo assim, precisamos questionar o grupo sobre o conceito de documentário. Ao perguntar sobre esse gênero, as crianças lançaram entendimentos voltados para o significado de “documentos de identificação”, como o Registro Geral (RG) e o Cadastro da Pessoa Física (CPF). A ideia, de certa forma, relaciona-se à concepção de “documentário” e aproveitamos a oportunidade para complementar o sentido atribuído ao termo supracitado dentro do contexto dos audiovisuais.

Em linhas gerais, o documentário é considerado gênero do cinema que explora a “realidade<sup>5</sup>” dos acontecimentos. Trata-se de texto imagético que visa representar a vida real, através de elementos do cotidiano, sob ponto de vista particular (indivíduo ou grupo). No caso da nossa proposta, exploramos as vivências com o estudo do caranguejo, o que não exclui o aparecimento de elementos da subjetividade de seus

<sup>5</sup> Embora explore o real, o documentário é uma representação parcial e subjetiva da realidade.

autores (crianças e professores), representando uma realidade “parcial”.

Para organizar o trabalho, definimos uma estrutura para a montagem de vídeos. Orofino (2005) mostra essa sequência, delimitando as seguintes etapas: roteiro (definição da pauta, construção do roteiro propriamente dito, definição do gênero), pré-produção, produção e edição. Esses momentos auxiliam na construção do texto imagético, permitindo a previsibilidade das ações a serem implementadas, assim como o envolvimento da equipe (crianças e professores).

Na primeira etapa da construção do roteiro – definição da pauta - privilegiando-se o “assunto” a ser discutido. No caso do vídeo em questão, já tínhamos a pauta definida desde o primeiro momento - o caranguejo.

Na produção do roteiro propriamente dito, parte-se para o planejamento da produção, apontando a sequência de imagens (estáticas e em movimento) e conteúdos a serem empregados, bem como previsão dos materiais necessários. Em nossa experiência, conforme comentado anteriormente, utilizamos texto coletivo construído pelas crianças como mote principal da trama videográfica, sendo o ponto de partida para a elaboração do roteiro. Os professores sugeriram dividir o texto em trechos, de modo que cada criança ficasse responsável em falar diante da câmera sobre tal fragmento.

Outro ponto acordado, seguindo as sugestões do grupo, foi a existência de imagens e/ou encenações, enquanto as crianças falavam as partes do texto, como forma de ilustrar as suas falas. Uma das crianças chegou a externar o seu pensamento dizendo: “enquanto a gente fala, podem aparecer pessoas dançando ou imagens que tenham a ver com o que a gente falou”. A ideia foi considerada pelo grupo, dada a pertinência de agregar o visual ao oral, como forma de fornecer um suporte às falas.

A trilha sonora escolhida pelo grupo foi composta pelas canções aprendidas ao longo do estudo – *Caranguejo Uçá* (Gordurinha) e *Caranguejo não é peixe* (domínio público). Ainda pensamos em incluir uma música que foi significativa para o grupo, cantada pelos biólogos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBAMA), quando

fomos coletar informações sobre o caranguejo neste órgão – *Saudação à natureza*. A ideia era a de também cantar e construir movimentos coreográficos com o acompanhamento musical, mas devido a diversos contratempos, não foi possível incluir essa atividade.

Utilizando as sugestões fornecidas pelas crianças, organizamos o vídeo em duas sessões: a primeira, composta pelos fragmentos do texto coletivo; a segunda, com depoimentos das crianças sobre o que mais gostaram de aprender sobre o caranguejo. Neste segundo item, algumas crianças<sup>6</sup> se disponibilizaram para falar acerca das suas impressões sobre o tema de pesquisa “caranguejo”. As crianças gostaram da ideia de se expressar livremente sobre o trabalho, pois tratava-se de relato espontâneo, no qual precisariam destacar algo que chamou a atenção no estudo desse tema de pesquisa.

O roteiro/planejamento do vídeo foi registrado no quadro pelos professores e anotado em caderno para posterior organização. No dia seguinte, começamos as gravações das falas das crianças. A escolha dos materiais (fotografias, desenhos, pinturas, dentre outros registros) também é definida nessa primeira fase. Devido ao tempo disponível para o fechamento do tema de pesquisa, deixamos que as imagens para ilustrar o vídeo fossem escolhidas pelos professores. Mas, em outro contexto, pode-se deixar que as crianças façam essas escolhas, sob a orientação do docente.

De modo geral, a primeira etapa – produção do roteiro – envolve a criação e o planejamento, que conduzem para a redação desse roteiro. Registra-se o modo como os seus criadores pensaram o vídeo. É uma etapa decisiva, requerendo criatividade e ousadia na proposição de cenas e situações que expressem o desejo dos envolvidos. Na junção de ideias, forma-se uma espécie de “colcha de retalhos”, contemplando as contribuições do grupo.

Com a finalização do roteiro, chegamos à etapa da pré-produção. É a hora de delegar funções aos membros do grupo, para que cada um

---

<sup>6</sup> É importante destacar que nem todas as crianças participaram desse momento. Deixamos que essa participação fosse condicionada ao desejo e à vontade de envolver-se no trabalho, que não podem ser forçados.

faça a sua parte. Distribuímos os trechos do texto coletivo para cada criança, além de escolhermos um local na escola com pouco barulho para a gravação. A sala de aula também foi utilizada em duas situações, mas no momento da gravação o grande grupo estava em outro local (parque). A escola já dispunha de câmera de vídeo, contando também com a colaboração de uma bolsista para fazer as filmagens. Os professores ficaram encarregados de separar as ilustrações que acompanhariam as imagens gravadas.

Na produção são realizadas as gravações das cenas, capturando imagens para posterior tratamento. Conduzimos um pequeno grupo para os locais de gravação (4 crianças em cada leva), a fim de fazermos os combinados para esta atividade. Adotamos a seguinte sistemática: informamos ao pequeno grupo sobre a gravação, da importância desse momento, mostrando os objetivos dessa etapa da produção do vídeo. Depois, realizamos a leitura de cada trecho do texto coletivo. As crianças se responsabilizavam em memorizar o seu pedaço do texto. Depois de realizar ensaios, quando as crianças se sentiam seguras para falar, iniciávamos as gravações das imagens.

É interessante constatar que praticamente todas as crianças reelaboram a sua fala no momento da gravação, não seguindo rigidamente o trecho do texto coletivo. Houve, portanto, modificação na estrutura das frases, sem perder o sentido inicial. Sobre esse assunto, uma das crianças falou o seguinte: “peráí professor, que eu vou falar do meu jeito [...]”. Isso mostra que cada trecho foi ressignificado pela criança, o que garantiu a “naturalidade” das suas falas nas gravações.

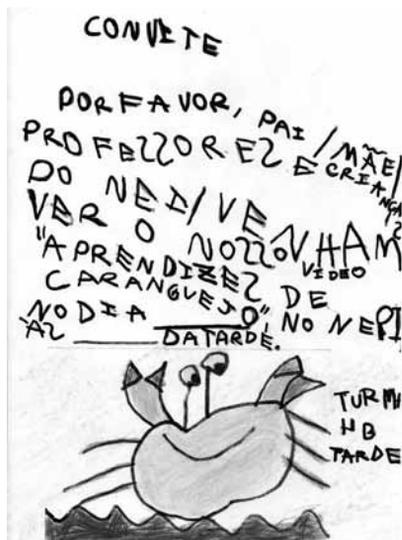
Vale salientar que algumas crianças verbalizaram o desejo de não participar das gravações, o que foi respeitado pelos professores. De toda forma, todos acabaram se envolvendo em algum momento, até porque o texto coletivo e as imagens do vídeo são de autoria do próprio grupo.

Concluída a gravação das imagens, separados os desenhos e telas produzidas pelas crianças, passamos para a edição e finalização da produção. Explicamos às crianças que precisaríamos contratar um profissional para juntar as imagens em movimento, os desenhos e as

pinturas para montar nosso vídeo, sendo essa etapa chamada de “edição”. Explicitamos, em linhas gerais, que essa junção era feita no computador por uma pessoa especializada.

Enquanto aguardávamos a conclusão do audiovisual, conversamos sobre como poderíamos organizar a divulgação do nosso trabalho com o restante da escola: demais turmas, professores, funcionários e familiares das nossas crianças. Refletimos sobre o espaço disponível para essa atividade no NEI e chegamos à conclusão de que teríamos que realizar essa atividade em três momentos distintos: um com as crianças da Educação Infantil, outro com as crianças do Ensino Fundamental e um terceiro com os familiares da Turma 4. Para tanto, os alunos tomaram a iniciativa de produzir convites e um cartaz com os horários discriminados, bem como foram à direção e às turmas citadas para entregá-los pessoalmente. Quanto aos convites dos familiares, as crianças os levaram para casa e trataram de divulgar junto às suas famílias.

Figura 2: Convite produzido pelas crianças



Fonte: Arquivo NEI/CAP – UFRN

As crianças ficaram ansiosas para a entrega do vídeo<sup>7</sup>. Quando

<sup>7</sup> O vídeo *Aprendizes de Caranguejo* encontra-se disponível no site: [www.nei.ufrn.br](http://www.nei.ufrn.br).

este foi entregue, fizemos uma exibição somente com elas. No momento dessa primeira mostra, foi interessante perceber as reações das crianças ao se verem na tela. Um misto de felicidade, vergonha, surpresa. Nos outros três momentos de exibição, as crianças das outras turmas e os familiares tiveram espaço para realizar perguntas sobre o estudo, além de tecer elogios ao trabalho. Os alunos do nosso grupo, responderam aos questionamentos no microfone e demonstraram estar emocionados com a presença dos pais na última sessão do vídeo. Uma das crianças chegou a comentar publicamente: - “Obrigado por vocês terem vindo. A gente gostou muito”.

**Figura 3:** Respostas à comunidade escolar



Fonte: Arquivo NEI/CAP – UFRN

**Figura 4:** Exibição para as famílias



Fonte: Arquivo NEI/CAP - UFRN

Acreditamos que a inserção de propostas de produção de audiovisuais contribui para despertar um olhar mais crítico frente ao mundo das imagens em movimento. As crianças apreciam atividades que sejam dinâmicas, quebrando a rotina com indagações, movimentos, empenhando-se em projetos coletivos.

### **Últimas imagens do caranguejo**

A leitura crítica é um processo paulatino, requerendo mediação e exercícios constantes. A proposta de produção de vídeo permitiu as crianças uma aproximação a esse processo de leitura crítica da mídia, na medida em que as crianças foram estimuladas a refletir sobre a constituição do audiovisual, percebendo suas funções e modos de operacionalização. Se esse caminho prosseguir, certamente as crianças poderão desenvolver senso crítico frente às imagens em movimento, porque passarão a conhecer a natureza dos meios de comunicação.

Para trabalhar a mídia enquanto objeto de estudo, não precisamos necessariamente desenvolver tema de pesquisa específico da mídia-educação. É preciso encontrar brechas dentro do estudo para inserir os recursos midiáticos. A forma como essa inserção será conduzida é que dará o tom de “objeto” de investigação à atividade. Ouvir a opinião das crianças, problematizar e contextualizar constituem-se elementos importantes para dar significação ao trabalho. Por esta razão, a mídia-educação tem caráter transversal (FANTIN, 2008), porque pode flutuar em todas as áreas do conhecimento.

A valorização do trabalho coletivo também é quesito importante na proposta de produção de vídeo, pois permite a troca de ideias e ajuda no fortalecimento do espírito de grupo, além de auxiliar na valorização e respeito às opiniões alheias.

A atividade desenvolvida mostrou que é possível, também, lançar propostas de produção de audiovisuais com crianças da Educação Infantil, dando oportunidade para a expressão da criatividade destas nos diferentes momentos que envolvem a construção de uma peça videográfica.

## PRODUCCIÓN DE VIDEO CON LOS NIÑOS EN LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA

**Resumen:** El artículo presenta reflexiones sobre la producción de vídeo con los niños de jardín de infantes. Plantea la discusión teórica que predica la importancia de la infancia y la relación de los medios de comunicación, el reconocimiento de la escuela como un lugar propicio para el desarrollo de la lectura crítica de los medios de comunicación. Evidencia la experiencia en el Núcleo de Educação da Infância - NEI / CAP / UFRN, que se estudió en el cangrejo crustáceos, contemplando cómo se destaca la actividad de producción de vídeo documental de la clase cuatro (5-6 años). Se emplea la metodología sugerida por la producción de vídeo Orofino (2005), contemplando la existencia de los siguientes pasos: guión (definición de la agenda, la construcción de la propia escritura, la definición de género), pre-producción, producción y edición. Muestra la participación de niños en todo el proceso de producción, ayudando a despertar una mirada más crítica hacia el mundo de las imágenes en movimiento. Reconoce la importancia de las actividades que permiten a los niños a asumir el papel de los productores de los medios de comunicación, así como consumidores conscientes y críticos.

**Palabras clave:** Educación. Educación Infantil. Medios de Comunicación. Práctica Educativa. Producción de Video.

### Referências

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação?** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BUCKINGHAM, David. **Educación em médios:** alfabetización, aprendizaje y cultura contemporánea. Barcelona: Paidós, 2005.

FANTIN, Mônica. Mídia, educação e formação de professores. In: NASCIMENTO, Antonio Dias, FIALHO, Nadia Hage, HETKOWSKI, Maria (Org.). **Desenvolvimento Sustentável e Tecnologias da Informação e Comunicação.** Salvador: Edufba, 2007.

FRANCO, Geraldo A. Lobato. **O vídeo educativo:** subsídios para a leitura crítica de documentários. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/franco-geraldo-video-educativo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/franco-geraldo-video-educativo.pdf)>. Data do acesso: 21 mar. 2011.

GIRÃO, Lígia Cirino. Processos de produção de vídeos educativos. In: **Integração das Tecnologias na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética: a idéia e o ideal**. Lisboa: Guimarães, 1972.

KELLNER, Douglas, SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008.

MORAN, José Manoel. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulinas, 1991.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2003.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

OROZCO GOMEZ, Guillermo. **Televisión y audiencias**. Un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de la Torre. Universidad Iberoamericana, 1996.

RÊGO, Maria Carmem Diógenes. O currículo em movimento. **Caderno Faça e conte**. Natal: EDUFRN, 2008.

**VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VALENTE, José Armando. A Inclusão das Tecnologias digitais na Educação Infantil. **Revista Pátio**, Número 18. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

*Artigo recebido em: 30/08/2011  
Aprovado para publicação em: 16/12/2011*